

TRIBUNA Livre

14
SETEMBRO
1963

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 - AMARES

É Preciso Fazer Política

Lemos, há dias, em conceituado órgão de imprensa, que a Comissão Executiva da União Nacional vem exercendo grande actividade nos últimos meses. É preciso que assim seja em verdade.

É etro supôr que a política interna pode aguardar parada e inerte, enquanto o problema ultramarino absorve o pensamento dos portugueses.

F. C. AMARES

Depois de uma reunião das forças vivas, foi resolvido entre outras coisas dar um impulso ao Futebol Club de Amares, de forma que ele entre francamente nas actividades desportivas, principalmente no Campeonato regional da Associação de Futebol.

Para o efeito abriu-se imediatamente uma subscrição que rendeu 3.000\$00, para compra de chuteiras e arranjos no campo e balneário.

É pois com grande satisfação que vemos surgir novamente este grupo, de glorio-

Continua na 5.ª página

Pelo contrário, é preciso ajudar a Nação a vencer o seu problema mais instantâneo resolvendo-lhe situações de segundo plano, nas que são sempre casos que interessam e preocupam.

Mais do que nunca se precisa de uma politica dominada pelo senso e pela razão, que não tolere as vinganças mesquinhas ou os despotismos de caciquismos doentios. Será desta vez?

José Manuel de Macedo

Profunda consternação invadiu o nosso meio nos últimos minutos do passado domingo. Subitamente, inesperadamente, sem que nada o fizesse prever, faleceu o Snr. José Manuel de Macedo, casado, de 73 anos, proprietário, natural da Feira Nova, e aqui residente, gozando de particular estima e consideração.

Muitas vezes estas palavras são escritas mas muito poucas vezes serão empregues com tanta propriedade. O falecido era pessoa de uma educação esmeradíssima, de fino trato, irradiando sempre bem estar e boa disposição e a todos tratando com a mesma lhanza. A sua figura tornou-se popular

na admiração e todos lhe tributavam superior respeito.

Muito conhecido pelo «tio Juca», pois tinha muitos sobrinhos e o tratamento terminou por se tornar comum, mesmo para os que nada lhe eram, mas como toda a gente, nele viam a paternal figura dum ancião exemplar.

Era casado com a Senhora D. Isabel Barbosa de Macedo, não havendo descendentes do casal. Como esta senhora é possuidora, também de excepcionais dotes de educação e estima, o casal era um todo que inspirava admiração total.

Dados à benemerência e à assistência muito lhes devem a pobreza e a necessidade, para as quais viviam quase totalmente. Dirigente dos Bombeiros Voluntários e da «Sopa dos Pobres», benfeitor da Misericórdia, era em torno da vida destas Instituições que rodava a sua. Os pobres adoravam-no e com razão.

Vítima de mal incurável e imprevisto, sobreviveu 15 minutos, assistido pelo pároco e

Continua na 3.ª página

O SPORTING EM AVEIRO NA FESTA DE HOMENAGEM A OLIVEIRA MARTINS

O futebol do Sporting estará em Aveiro, amanhã domingo—um acontecimento de vulto, naturalmente, para toda a região aveirense. O nosso clube acedeu, de bom grado, a colaborar na festa de homenagem ao seu antigo guardarede, Oliveira Martins, a quem o infortúnio assaltou no decorrer da sua actividade.

A categoria de honra defronta o Beira-Mar e a categoria de reserva enfrenta um misto do S. C. e do Peniche,

A estação dos C. T. T. da Feira Nova

seu pessoal e horário

Sentimos especial cuidado em tratar num órgão de imprensa de qualquer problema dos C. T. T. É que sabemos que aqueles serviços de tudo tomam conhecimento, estudam o assunto levantado, e até dão uma satisfação a quem escrever.

Num País em que por vezes se não atendem nem as coisas mais gritantes, em que a regra é não dar ouvidos, numa irresponsabilidade arrepiante, o procedimento dos C. T. T. consola e impõe-nos respeito.

Vamos hoje tratar um assunto desses Serviços e fazemo-lo com gosto porque sabemos ter razão é que nos irão dar ouvidos:

A estação dos C. T. T. da Feira Nova serve a zona principal do comércio e da indústria do Concelho, além de lhe pertencerem parte das repartições públicas.

O seu movimento é grande, talvez tão grande ou maior do que o movimento de todas as demais estações e postos do Concelho juntos.

Apesar disso só tem um funcionário, o que obriga a um horário que em nada facilita os trabalhos do comércio e da indústria. Só falamos em horário, porque quanto a brevidade e atenção nas horas regulamentares tudo decorre com agrado geral, graças ao espirito de competência e bem servir de quem está encarregada do serviço.

O horário causa arrelias e prejuízos pois os estabelecimentos que têm de fechar bastante mais tarde só ao fim do dia vão cuidar de expedir encomendas ou fazer a correspondência, e já não podem servir-se da Estação pa-

Continua na 4.ª página

QUO VADIS, BRASIL?

Está cada vez mais deplorável e caótica a situação económica do Brasil, para não falarmos da sua confusão política. A espantosa subida do custo de vida ultrapassou as mais pessimistas previsões e vem batendo todos os recordes mundiais. A estabilidade de preços, ainda que seja por um curto período, já não existe há muito, embora seja aguardada sempre como um milagre, mas um milagre que não se realiza.

Hoje, os preços de todos os artigos em especial de géneros alimentícios, sobem com rapidez vertiginosa, pulam de semana para semana, numa liberdade quase criminosa.

De Dezembro de 1962 a esta data os preços elevaram-se em 80, 100 e 200 por cento—e continuam galgando sem freio e sem controle.

No ano de 1962—dizem as estatísticas—o custo de vida no Brasil subiu 60 por cento e 30 por cento no primeiro semestre do corrente ano. Mas as estatísticas reflectem apenas uma parte da verdade. Analizando os preços de alguns artigos principais, temos factos, que falam por si:

Custo de vida em Agosto

de 1963, comparativamente com os últimos preços que prevaleciam no ano anterior — aumento, em percentagem aproximada, no Rio e em Niterói: açúcar—200%; pão—100%; café—100%; arroz—100%; feijão preto—100%; carne verde—60%; óleo comestível—100%; manteiga—60 a 80%; leite—100%. E assim por diante.

Aumentaram também de preço, em igual proporção, os outros artigos de consumo, desde os cigarros a velas de cebo. Igualmente os artigos de «toilette» atingiram preços exorbitantes e os medicamentos custam os olhos da cara. E deve-se ainda notar que todos esses artigos não são importados, mas produzidos, fabricados no Brasil.

Tomando por base o ano de 1960, o aumento do custo de vida foi qualquer coisa de fantástico. Eis uma pequena amostra de alguns géneros de primeira necessidade, segundo as estatísticas publicadas pela Fundação Getúlio Vargas: arroz—387%; feijão—183%; batata—374%; carne—236%; leite—281%.

O que se torna mais des-

(Continua na 5.ª página)

Glória aos que cumpriram

Lá dos sertões angolanos,
Que tanto prestigiaram,
Impassíveis e ufanos
Soldados, heróis voltaram.

Carregadinhos de louros,
Os precursores da vitória
Transmitirão aos vindouros
Esta página de glória.

Quando a Pátria está em perigo
O português no seu posto,
Firme, espera o inimigo,
e nunca lhe volta o rosto.

Eu abraço os que chegaram
Agora à terra natal,
Os que tanto sublimaram
As armas de Portugal!

Dou parabéns às famílias
Dos que souberam cumprir;
Depois de tantas vigílias
Podem agora sorrir.

UERBA

TRIBUNA FEMININA

Entre nós, mulheres...

A ronda das colecções: Chanel, a mais velha e ao mesmo tempo, a mais jovem de todos os costureiros de Paris

Com perto de oitenta anos, Chanel mantém acesa, e bem viva, a chama do campeonato do bom gosto. Nunca é Chanel que imita ou copia quem quer que seja. Pelo contrário. São os outros costureiros que, passado algum tempo, se rendem às suas ideias. Isto pode quase repetir-se anualmente, pois é sempre verdadeiro. Para 1964 a artista dá-nos um conjunto juvenil, mas sem botas altas, sem polainas e sem «socquetes». Os tecidos apresentados são criações suas, executadas por fábricas da Irlanda e da França. Daí a grande originalidade dos padrões. As saias cobrem o joelho, mas sem exageros. A linha dos ombros é mais valorizada, mas nada varonil. A mulher-Chanel cobrirá, como todas as outras, as orelhas e o nariz, mas a linha — a tender para o esguio — conserva-lhe sempre uma grande elegância.

As jovens que apresentaram os modelos usavam cabelos curtos e lisos, com uma grande franja — quase quadrada — sobre a qual se pousava sempre um gorro, um chapéu ou «qualquer coisa» cosida numa fita ou num elástico. Essa «qualquer coisa» era um laço de «gros-grain» com os modelos muito práticos; uma rosa — vermelha, branca ou preta — com os vestidos elegantes — ou uma guarnição de penas de avestruz a acompanhar os vestidos destinados às elegâncias nocturnas.

O vermelho («côr do sangue e da vida» — com diz a artista) é o seu preferido. Vem depois o preto; logo a seguir o branco — sobretudo em vestidos de teatro e em blusas; o gerânico, o cinzento, o verde, o magnólia, muitos azuis, cores aciduladas e mais os tons pastel, alguns rosas, o roxo, o violeta e muito coral. Nota a reter: acabaram definitivamente as correntes de metal amarelo. Foram substituídas por colares de grandes contas de madeira, pintadas em cores fortes.

O mais importante desta casa de costura é sempre o «tailleur». Poderemos agora usá-lo desde pela manhã até à noite, desde que mudemos de blusa e de acessórios, visto o «tweed» já ter entrado nos domínios do «depois das cinco horas». As cores dos «tweeds» Chanel são claras e brilhantes, como se fossem destinadas ao verão. Durante as horas práticas a blusa é habitualmente substituída pe-

lo «sweater» justo ao pescoço, em malha grossa, quase sempre tricotada à mão. Para depois do acender das luzes — e conforme a maior ou menor elegância que queiramos dar ao conjunto — a blusa confecciona-se em «jersey» de seda, em renda, em muselina, em veludo ou em lã. Com o «tailleur» preto há o «chemisier» branco, de baixo de cuja gola voltada aparece um grande laço de «chiffon» preto. Quanto ao feitiço, o «tailleur» — Chanel 1964 é igualzinho ao «tailleur» — Chanel dos outros anos, com as mesmas pequenas algibeirinhas, os mesmos pequenos botões dourados, o mesmo forro igualzinho à

blusa. Só tem como novidade os alamares (dois ou três) de passamanaria, a substituir as casas destinadas aos botões. As saias são de género envelope e algumas vezes abotoadas ao lado. Algumas têm ainda, nas costas, um outro envelope a dar largura para a marcha. Por a maioria dos «tailleurs» ser em «tweed», não se julgue, porém, que a famosa modista não apresenta outros tecidos. Há modelos lindíssimos em fazendas pretas, em veludo, em setim e até em lhamas de tom pastel. Agora é mais o jogo das cores do que o feitiço dos modelos o que conta.

(Continua na 4.ª página)

JORNAL FEMININO

É uma revista que sabe ser amiga, camarada e companheira.

Assine: «JORNAL FEMININO». «Da mulher para a mulher»
Se por mero acaso ainda não conhece esta revista, basta dirigir-se em postal ou carta solicitando um exemplar.

Escreva para «Jornal Feminino» R. D. João IV-904 PORTO

Concorra ao concurso de Bordados, Crochet e Tricot. prémios de 2.500\$00, 1.500\$00 e 1.000\$00

«Jornal Feminino» Jornal ideal para a mulher actual

Jornal Feminino

DA MULHER PARA A MULHER

A companheira de todas as horas

Uma revista feminina que os homens gostam de ler sai aos dias 1 e 15 de cada mês

Redacção, Administração e Publicidade:

Rua D. João IV, 904 Telef. 30796 PORTO

Vende-se em todas as tabacarias, se deseja ser assinante, escreva para a direcção acima, ou para a Redacção deste jornal

CULINÁRIA

Migas gatas do Alentejo

Corta-se meio quilo de pão duro às fatias. Em cima põem-se alhos picados e sal. Rega-se com uma mistura feita de decilitro e meio de azeite e uma colher de sopa de vinagre. Escalda-se, depois, com água a ferver, que seja suficiente para embeber o pão. Tapa-se cinco minutos. Escorre-se o excesso de água que houver e amacha-se o todo, misturando muito bem, com uma colher de pau.

Servem-se as migas imediatamente, acompanhadas com ovos cozidos.

Rabanadas

Este é um doce que se faz e se come em todo o Portugal.

Num tacho põem-se ao lume um quilo de açúcar com água suficiente e deixa-se tomar ponto de espadana.

Enquanto o açúcar não toma o ponto, corta-se o pão (de cacete é melhor) em fatias. Depois vão-se demolhando estas em ovos batidos (clara e gema) e fritando na calda do açúcar, a que se junta um pedaço de manteiga — aí umas cinquenta gramas. Deixam-se as fatias alourar no açúcar, põem-se numa travessa, polvilham-se de canela e regam-se com o resto da calda de as fritar.

Quando houver pressa, depois das fatias molhadas nos ovos, dá-se uma fritadela ligeira em óleo e só depois na calda do açúcar. São divinas.

Laminas de Pinhel

Partem-se fatias delgadas de pão e mergulham-se em leite e mel, durante alguns minutos. Passam-se por ovos batidos, fritam-se em manteiga, tiram-se do lume, polvilham-se de canela e açúcar e servem-se quentes.

Papas de Milho

Põe-se ao lume um tacho com água, sal, um fio de azeite, casca de limão e pau de canela. Ao levantar fervura retira-se o limão e a canela e

deita-se, em chuva, farinha de milho espoada. O lume deve estar brando e vai-se mexendo sempre com colher de pau. Deixa-se ferver durante 15 minutos em lume brando, mexendo de vez em quando. Deitam-se as papas em pratos polvilhando-as com açúcar ou misturando-lhes mel.

Sopa económica

Deita-se num tacho ou terrina pão duro cortado às fatias delgadinhas. Por cima do pão espalham-se alguns dentes de alhos picados e um fio de azeite. À hora do almoço lança-se dentro da terrina água de peixe (bacalhau, corvina, pescada ou outro qualquer) a ferver; tapa-se, espera-se cinco minutos e serve-se.

Bolo de bacalhau

Com batata, manteiga, leite e uma gema de ovo, faz-se um puré, com metade do qual se forra um prato de ir ao forno. Corta-se às lascas bacalhau cozido; põe-se uma camada de bacalhau, outra de puré, e cobre-se com pão ralado e uns bocadinhos de manteiga e leva-se ao forno a corar.

Arroz de cabrito

Picam-se duas cebolas, junta-se-lhes uma cabeça de alho picada e levam-se ao lume, deixando-se refogar juntamente com o cabrito cortado aos bocados. Tempera-se com sal, pimenta e salsa. Junta-se um pouco de água e deixa-se apurar 3/4 de hora. Junta-se o arroz (30 grs. por pessoa), deixando cozer lentamente durante algum tempo. O arroz deve absorver toda a água sem ficar muito seco.

Tomates recheados

Com uma colher, tira-se o centro aos tomates; temperam-se com sal e recheiam-se com «mousse» de atum ou sardinha. Acabam-se de encher com molho de «mayonnaise», muito grosso, deixando ficar acima do nível do buraco, pondo por cima uma azeitona aberta como se fosse uma flor.

BOLETIM DE ASSINATURA

Queiram considerar-me assinante da obra «LENDAS DE PORTUGAL», enviando-me:

- * Um fascículo por mês, ao preço de VINTE ESCUDOS
- * Dois fascículos por mês, ao preço de TRINTA E SETE ESCUDOS E CINQUENTA CENTAVOS
- * Séries de seis fascículos, ao preço de CENTO E DEZ ESCUDOS
- * Séries de doze fascículos, ao preço de DUZENTOS E VINTE ESCUDOS.

(Riscar o que não interessa)

Nome _____

Morada _____

(Escrever de forma bem legível)

TRIBUNA do CONCELHO

CARTA DE LAGO

***** Aos amigos de perto e de longe *****

Começo por vos pedir desculpa das gralhas que escaparam aos revisores da «Tribuna», na flexão de alguns verbos. Dir-vos-ei que essas gralhas parecem basear-se no hábito regional de dizer, v.g.:—Eu «estive» eu «fiz» em vez de dizer: eu «estive» eu «fiz»... São distrações sempre possíveis.

A morte do Senhor Arcebispo

Morreu em 19 de Agosto p. p. o Senhor Arcebispo de Braga, Snr. D. António Bento Martins Júnior. O seu funeral, com a assistência de 600 sacerdotes, muitos milhares de pessoas e bastantes representações de jornaes e outras agremiações, demonstrou claramente o prestígio do grande Prelado entre sacerdotes e leigos de todas as categorias sociais. Ninguém poderia afirmar que não estávamos diante do cadáver da primeira figura da província do Minho. Que Deus tenha junto de si a alma do bondoso e glorioso antistite e dê à nossa Arquidiocese um Arcebispo cheio de Espírito de Deus.

Exéquias pelo Arcebispo

Não gosto de fazer propostas, ou talvez, não tenho feito para isso.

Contudo não parece mal se lembrar ao Rev.do Clero de Amares a conveniência, em se promoverem e realizarem exéquias arceprestais por alma do insigne Prelado falecido. Suponho que não me levarão a mal se disser que essas exéquias se deviam realizar na igreja paroquial de Ferreiros por ser a mais central da vila e do arceprestado de Amares.

E já que falo de exéquias não ficará mal recordar que não se fizeram exéquias por alma do último Papa falecido, João XXIII, no nosso arceprestado de Amares. De facto mal parece acontecer isto quando é certo que se fizeram exéquias solenes, com elogio fúnebre, pelo Papa Pio XII. Estou convencido de que tanto o Papa João XXIII como o Arcebispo D. António Bento Martins Júnior não precisam das nossas graças, porque, amadurecidos pela idade e pela prática de todas as virtudes cristãs, na mais completa conformidade com a vontade de Deus, suas bondosas almas podem, sem temeridade, considerar-se já purificadas no purgatório desta vida com os seus muitos trabalhos, orações, penitências e indizíveis sofrimentos, ligados ao seu alto cargo. Mas, atendendo a que no céu não entra a menor mancha... e atendendo à veneração devida aos nossos Pastores, bem como à necessidade de dar bom exemplo no dever de reverenciar os nossos superiores e de sufragar, em geral, as almas dos mortos, julgo que estas coisas não devem, ficar no rol dos esquecimentos. É um dever sagrado.

Peço aos Rev.dos sacerdotes deste arceprestado a caridade de me perdoarem tão grande atrevimento e garanto-lhes que o não cometi na esperança de comendas...

Eleições das Juntas

Terminam o seu mandato em 31 de Dezembro as Juntas de Freguesia em exercício. Terão de ser eleitas novas listas com novos elementos, ou com os mesmos actualmente em exercício, durante o próximo mês de Outubro. A actual Junta de Lago trouxe à freguesia 4 anos de paz depois de 14 anos de guerra mais ou menos feroz. Espero que a nova Junta seja também constituída, por homens dignos, com os olhos fitos só no bem comum paroquial...

É tudo, por hoje.

Vosso: J. Moreira

Aniversário

Passa hoje, 14, mais um aniversário natalício o nosso amigo e assinante Senhor Alberto António Rodrigues da Silva, farmacêutico em Lisboa.

Por tão alegre data um amigo seu da Feira Nova deseja-lhe muitas felicidades na companhia de sua esposa e filhinho, assim como seus pais, irmãos, cunhados e restante família fazem votos para que este dia se repita por muitos anos.

Falecimentos

PORTELA

Faleceu a sra. D. Luzia da Cunha filha do sr. Joaquim, já falecido e antigo caseiro da Quinta de Ovim.

Foi acometida de doença súbita falecendo rapidamente. Era natural da freguesia de Ferreiros, Feira Nova.

À família enlutada apresentamos sentidas condolências.

Grande Cortejo

de Oferendas em Proselo

Revertendo a favor da Igreja Paroquial

Realiza-se no próximo dia 22 do corrente um cortejo de oferendas em benefício da Igreja paroquial.

Graças ao dinamismo e ao esforço do seu pároco a igreja de Proselo vai receber uma reforma que muito a beneficiará, especialmente o interior que muito necessita de uma reparação.

Foram já percorridos vários lugares, da freguesia pelo digníssimo Pároco, encontrando todo o apoio na população dos mesmos.

Tudo promete ser um êxito.

Lanço aqui um apelo, não só para os proselenses do concelho, mas especialmente para os que vivem fora dele, que não desamparem o seu pároco, enviando-lhes os donativos e ajudando-o nesta jornada de caridade.

Não desprestigiéis a vossa Terra, Proselenses. Mostrai do que sois capazes.

Bem haja, Senhor Abade.

C.

Há ou não Zeladores Municipais?

Afinal, depois de intervir através deste jornal para que tomassem providências, não queremos Senhores Zeladores terem trabalho de fazer conhecer aos camionistas o código das posturas, especialmente aos que transportam a sardinha. Continuam com todo o desprezo pela lei a subir e a descer os passeios. Vamos senhores Zeladores, se não têm coragem para agir dêem os lugares a outros.

Não se podem tolerar estes abusos, nem o vosso desmaseio pelos embelesamentos e utilidades públicas.

Aproveito o ensejo para chamar a atenção a quem de direito para que sejam tomadas providências.

C

FEIRA NOVA

Faleceu na madrugada do passado domingo o sr. Adelino Manuel da Silva, morador no lugar da Bornaria, caseiro da Quinta do Paço. Era natural de Amares e genro do sr. Francisco Luis da Silva e Rosa Maria de Jesus Gomes.

Deixa viúva a sra. Deolinda dos Anjos da Silva.

Sentidos pêsames a toda a família.

BARREIROS

CABINE

Principlaram já as obras de construção da cabine para transformação de energia eléctrica, sita junto da capela de Nossa Senhora das Angústias, nesta freguesia. Há, por este motivo, grande contentamento nas pessoas desta terra pois verão assim satisfeito um dos seus grandes desejos.

FALECIMENTO

Em sua residência no lugar de Queirões, desta freguesia, faleceu no passado dia 5, cerca das 23 horas, o senhor André Fernandes (Prata), viúvo, carpinteiro e Proprietário. O finado tinha vários filhos já

casados, um dos quais se encontra há já alguns anos no Canadá.

À família enlutada apresentamos as nossas condolências.

VISITA

Partiu ontem, depois de uma visita de oito dias à sua família e à sua terra natal, o senhor Avelino Dias Portela de Magalhães, com quem tivemos o prazer de conversar. Há vários anos que se encontra a trabalhar em França para onde regressou. Ao amigo Avelino e a sua esposa desejamos boa viagem e muitas felicidades.

C.

Proselo

Encontra-se completamente concluída e pronta para a circulação de veículos, a estrada Lage (Feira Nova)—Igreja (Proselo).

É pena que esta via tão linda e tão útil não tivesse o seu desfecho no Largo, o que para isso bastariam apenas 70 metros mais de calceta.

Julgo ainda estar a tempo de remediar este pequeno mal. Para isso, apelamos para a alta compreensão dos responsáveis satisfazendo assim o desejo dos habitantes desta terra.

C.

De férias

Acompanhado de sua esposa e filho, encontra-se na Feira Nova, a gozar umas bem merecidas férias o Senhor José da Rocha Barbosa conceituado comerciante em Lisboa.

Missa de 7.º Dia

Realiza-se na próxima segunda-feira às 7h30 horas, na Igreja Matriz desta Vila, a Missa do 7.º Dia pela alma do sr. José Manuel de Macedo.

TRIBUNA LIVRE

é distribuída em Braga no Quilisque Central Largo do Barão de São Martinho

José Manuel de Macedo

(Continuação da 1.ª página)

alguns familiares.

Era irmão dos senhores: António Augusto de Macedo, Joaquim de Macedo, João Gualberto de Macedo e das Sras. Lucília, Adelina e Luísa de Macedo, esta já falecida. Deixa cerca de meio cento de sobrinhos, constituindo uma família com raízes em todas as actividades do Concelho.

O seu funeral foi manifestação sentida que perdurará, como a sua figura viverá na memória de todos como exemplo a copiar e seguir.

«Tribuna Livre» apresenta à viúva, Snra. de excelsas qualidades, o seu vivo pesar, acompanhando-a em tão grande dor, que julgamos saberá mitigar com a lembrança de que Deus premiará a vida exemplar dum casal modelo.

Aniversário

Quinta-feira, dia 12, festejou o seu aniversário natalício o sr. Adelino Antunes da Silva, empregado nos Armazéns de Feira.

Por tão alegre data, um grupo de amigos e familiares reuniram-se com o aniversariante num restaurante da Vila festejando esta tão alegre data.

Tribuna Livre deseja a este seu assinante muitas felicidades e que esta data se repita por muitos anos.

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos desde os mais simples aos mais luxuosos.

Terras de Bouro

Continuação da 1.ª página

Terra Natal, o seu Povo, e nunca poderá ser um Homem perfeito; nunca poderá ser um verdadeiro e ilustre cidadão; nunca poderá merecer as bênçãos de Deus; nunca poderá amar, com aquele exigido, verdadeiro e leal amor, a sua Pátria. Esse homem, se existisse, nunca passaria de um ser inútil e antipático, de um ser repugnante, de um ser inferior no meio da sociedade em que vivesse ou servisse...

Se a honra de sermos bons Portugueses nos cobre e acaricia com seu manto, então nunca nos esqueçamos e nunca nos cansemos de olhar para a nossa Terra Natal com verdadeiro carinho e sentido amor, de olhares bem firmes num futuro próspero; sirvamo-la com brio e orgulho, com vigoroso prestígio, com incontestável energia, dando-lhe o merecido engrandecimento; dediquemos-lhe todos os nossos interesses e todos os nossos sacrifícios. A nossa Terra parece-nos pobre, porque nós assim o temos querido; porque os seus melhores filhos têm sido ingratos para com ela; porque, na sua maioria, quase todos desconhecem — ou fingem desconhecer!... — o valor surpreendente, deslumbrante e maravilhoso das suas luxuriantes paisagens turísticas — essas inescreíveis formosuras com que a Natureza nos quis dotar. E quantas invejas, e quantos obstáculos e perseguições nós encontramos no caminho... tudo com o fim de nos absterem do progresso... E os Homens... caem como patinhos... nesta tão disfarçada armadilha!

Dá-se ao Alto-Minho um valor turístico de primacial ordem e, sem dúvida alguma, bem o merece. Porquê? — Porque está explorado, porque está bem servido por estradas, com óptimas ligações a chamarem a si a visita de variados turistas. Ora isso só pode honrar e dignificar os habitantes e os Homens daquelas Terras.

Não basta vermos e admirarmos o que os outros já viram e admiraram: é necessário criarmos em nós próprios um espírito de expansão e progresso. E então fácil será vermos que aqui, neste verdejante e atrativo Minho, há ainda um outro valor turístico de maior vulto, em tudo comparável ou até muito superior ao Alto Minho (creio não cair em exagero se tentar afirmar que é mais rico e mais atraente) um tesouro... que continua por explorar... mas que existe. Há largos anos (ou mesmo séculos) que a sua exploração tem andado (e continua!) a bradar aos céus vingança e castigo contra toda a espécie de parasita local... Esta é a carapuça que deve enfiar todo aquele que pode, deve e... não faz. Impõe-se o levantamento dos espíritos inertes; porque urgentemente se impõe a sua exploração, pondo esse grande tesouro à vista de toda a gente, e nas devidas condições de poder ser visitado, conhecido e apreciado por todos os turistas, mas, principalmente, pelos apreciadores do belo e do formoso.

Se somos bairristas (e haverá quem o não seja?) e amamos a nossa Terra Natal, então firmemos os nossos passos por este

caminho: — elevemos os nossos pensamentos e os nossos olhares, com carinho, interesse e apreço; o nosso espírito, com brio e ansiedade, todo o nosso ser, até as exuberantes e formosíssimas Alturas do nosso opulento Gerês!... *E a fada desencantar-se-á...* A nossa Terra é rica e cheia de atraentes encantos. Em seguida, todos de mãos dadas, unamo-nos, num laço de cor-deal afecto, para que possamos conseguir fazer, o mais rápido possível, uma ligação desafogada e nas devidas condições modernas, em todo esse surpreendente triângulo: — *Braga, Amares, Gerês, Terras de Bouro, Caldelas, Braga.*

Tenhamos caridade e dedicação para com a sede do concelho, dando-lhe, para já, o que é de primeira necessidade: uma Igreja e um desafogado campo para nele se poder realizar a feira; alarguemos-lhe o peito... cortando e aplanando esses repugnantes montículos que a cercam e abafam, e lhe dão um aspecto de habitação de bijagós; vistamos-lhe fato novo... destruindo-lhe os pardieiros e edificando habitações condignas com a época actual (um posto de socorros, um edifício para o Grémio da Lavoura e outro para a Casa do Povo, e ainda outro para os Correios). Procuremos ligar, convenientemente, as três sedes (Terras de Bouro e Vila Verde pelo Rio Homem), Terras de Bouro e Amares, pelos limites de Santa Cruz).

Mas, alguém perguntará: — e se assim se procedesse, estava resolvido o problema de Terras de Bouro? Eu dou a resposta: — Não. Isto seria só para dar princípio à extensíssima Obra que é necessário enfrentar, tornando-a numa realidade. E, uma vez posto em acção este plano, então, vamos, orgulhosamente, fazer a comparação entre as duas paisagens turísticas aqui trazidas à balha, a ver qual delas será a mais rica e surpreendente: — o Alto-Minho, ou o Alto Gerês?!

Estes são os principais alicerces - bases da Obra. Para executá-la é necessário escolher o artista dedicado, trabalhador e dado, de alma e coração, ao progresso...

Manuel Augusto Barreto Marques

Grandiosa Jornada de Oferendas

Em Proselo-Amares

A realizar em

22 de Setembro de 1963

Auxiliai esta Jornada de Caridade

Deseja trabalhos tipográficos com rapidez e perfeição?

**DIRIJA-SE À
MODELAR**

Telefone 62113

Amares

Colaborai na Campanha Pro-Fardamento

Visado pela C. de Censura

Leia, Assine

Publique na

«Tribuna Livre»

Telefone do serviço per-

manente dos Bombeiros

Voluntários de Amares

62162

A estação dos C. T. T.

da Feira Nova

(Continuação da 1.ª página)

ra os casos em que é indispensável.

Se um estabelecimento de comércio ou indústria tem de abreviar algum serviço de urgência para tomar o correio para Lisboa que sai às 16,30 h., a seguir vai fazer o mesmo em algum caso em que quer aproveitar o máximo tempo da estação aberta, o que é às 18 h., e a seguir espera pelo fim do dia para satisfazer o que haja ficado, acontece-lhe de passar a tarde inteira a cuidar do correio.

Como se sabe temos um mercado semanal dos mais concorridos do norte. Nesse dia, em que a feira se prolonga até ao anoitecer, o comércio não pode cuidar antes das 18 h. do correio, e daí em diante não terá estação.

Os estabelecimentos que cuidarem do correio depois das 18 h., o que é habitual,

pois até aí não têm tempo vago, terão no dia seguinte de bater-se com outro problema: ao abrir dos estabelecimentos a estação está fechada e quando esta abre já estará perdida a primeira expedição. Além disso só poderão ser atendidos a uma hora em que começam a ter movimento e tudo se lhe junta.

Quanto aos trabalhadores agrícolas, que aqui são muitos, para esses tudo é ainda pior pois que trabalham ainda até mais tarde e a interrupção dos serviços para irem aos correios é-lhes mais prejudicial.

Tudo isto, além de que o movimento o justifica, obrigam-nos a estas considerações nas quais só pretendemos servir os que precisam. Que os C. T. T. nos perdoem o tempo que porventura lhe tomaremos e aceitem, em compensação que bem merecem, o preito do nosso respeito pelo muito que têm feito.

Entre nós, mulheres...

(Continuação da 2.ª página)

Há misturas de tons de uma grande harmonia, como, por exemplo, o «beije» e o verde-«pistache»; o creme combinado com o «bordeaux»; o cinzento com o azul marinho; o amarelo-laranja com o verde-limão e ainda o rosa-«shocking» com o preto. Para cocktail-jantar-teatro há ainda «tailleurs» janotíssimos, cuja seda do forro está plissada como a seda, igual, com que é confeccionada a blusa.

No vestido estilo prático dominam o «tweed» ou a fazenda do casaco em feitios simples, muito desportivos. O vestido elegante, embora também de linha direita e com ou sem mangas, tem drapeados no corpo e desenhos geométricos na cintura e na saia, bordados a fita de setim. O modelo para baile é esguio, como todos os outros, mas compridíssimo e com o corpo guarnecido de bonitos bordados a lantejoulas e missangas em negro-fumo, seja qual for a cor do tecido.

O casaco-tipo tem grande gola, punhos, forro e gorro de pele. Se a fazenda — aqui também reina o «tweed» — é escura, a pele é clara. Se o tecido é de tom leve, então a pele é preta, castanha ou vermelha. Há uma infinidade de «mouhairs - bouclés» (em grandes quadrados de tom pastel) que fazem casacos de sonho. Nesses casacos os forros são acolchoados e a pele aplicada é a da Mongólia, tinta em vermelho ou em

preto. A linda dos casacos é esguia, levemente ajustada na altura da cintura e, ao contrário de muita outra colecção, sem cinto. Chanel apresenta os seus casacos «de mais vestir» com grandes golas (de pele) que prolongam as bandas até à bainha. Aqui a pele é de pelo alto, como a de macaco e mesmo a de raposa. Um efeito mais rico é obtido com a gola feita de penas de avestruz em cores vivas.

Dizem as cronistas que assistiram às passagens que a de Chanel foi como que a visita de uma amiga serena e bela, ao contrário de muitas das outras, que ora davam a sensação de mulheres desmioladas a imitar rapazolas imberbes, ora a de «vamps» fatídicas da era das «Noivas do Mundo».

HUMORISMO

Coisas de criadas

— Ó Maria tens de usar as saias mais compridas para continuar a ser minha criada.

— O patrão diz que é assim que gosta! Quando as ponho mais compridas, enquanto as não levanta não descança.

* * *

— Não posso deixar passar porque o sr. director está com uma conferência.

— Então diga-lhe que está aqui o marido dessa conferência.

Terras do Bouro

no espírito de Manuel Augusto Barreto Marques

Se remontarmos aos ancestrais e florescentes tempos da «Inclita geração», temos o pressentimento de que todo o ardor e visão dos Portugueses se projectava em avançar, precipitadamente, por «mares nunca dantes navegados, dando mundos novos ao Mundo», levando o nome da Pátria e o Reino de Cristo, com a sua transcendente Doutrina, às gentes infieis, até aos confins do Planeta humanamente habitado. E os Portugueses de antanho não foram à Lua... porque, nesse tempo, na Lua não andavam... como hoje muitos dos filhos de Eva andam...

Os séculos, sem descansar um só momento, foram desenrolando a sua vertiginosa passagem, e a fama e o heroísmo e a Civilização Cristã foram um dos factos de relevante distinção portuguesa, que muito nos honrou e engrandeceu, e que ainda hoje é muito digno de veneração e respeito, mundialmente conhecido, e muito invejado, por todos os povos, civilizados, cultos e ignorantes.

Mais tarde, nos últimos e saudosos tempos da memorável Monarquia Portuguesa, os inclitos filhos desta Pátria amada — Brito Capelo e Roberto Ivens — com o brilhantíssimo triunfo das suas arrojadas, arrogantes e moiteiras explorações levadas a efeito através dos sertões africanos, deram a conhecer ao mundo terras nunca dantes pisadas por gentes brancas e civilizadas — como complemento de um grande sonho de glória, como recompensa da transcendente divisa: — «querer é poder»; como troféu de eterno mérito para uma Pátria secular.

Nós pertencemos, incontestavelmente, a uma genuína Raça de preclaros conquistadores, descobridores, exploradores e civilizadores, sem precedentes na História dos Povos. Tentar pôr em dúvida, abafar ou negar esta brilhantíssima verdade, seria como que arremessar-nos ao rosto a mais ignominiosa das afrontas. Porém, a infrene febre e o delirio e vertiginoso delírio da convulsiva época em que vivemos — efeitos das migratórias ideias subversivas, bafejados pelos energúmenos asiáticos e seus dedicados corifeus — não admira que a prática de aviltantes erros e acções tenha levado, cegamente, alguns dos nossos compatriotas, de índole incompleta — já se vê — dentro e fora da Pátria, porque, mesmo os próprios discípulos de Cristo, nem todos souberam ou quiseram compreender, amar e viver as doutrinas e os ideais do Mestre e, por essa razão, naquele tempo, como nos tempos actuais, logo surgiu no meio deles, e em público, o petulante traidor. Mas os grandes feitos, o heroísmo e o amor-pátrio dos grandes Homens, — ontem como hoje — sufoca, publica e mundialmente, toda essa perniciosa e deletéria influência política, que só serve para degradar um Povo.

Homens de preclaro génio, de comprovada força inquebrantável, Portugueses de rija têmpera, têm surgido em todas as épocas; e de seus feitos gloriosos estão cheias as brilhantíssimas páginas da História-Pátria. E não haja a menor dúvida de que, ontem como hoje, todos os homens que lutam e se sacrificam pela Pátria, cá ou lá longe, muito afastados, muito distantes dos seus Lares, e de todos os que lhes são mais queridos, quer em Portugal, quer no estrangeiro, mas sempre excitados e aquecidos pelo sagrado fogo da Lusa-Pátria, pela ansiedade e pelo glorioso desejo de levantar mais e mais alto o nobilíssimo nome de Portugal, foram e serão sempre, inteiramente merecedores da nossa sincera e cordeal estima, da nossa sentida

veneração, do nosso impulsionante aplauso, da nossa dedicadíssima gratidão.

Sabemos muito bem que os tempos das conquistas, descobertas e explorações já passou... mas o sagrado amor da Pátria (e do cantinho onde nascemos!) e a sua altiva e intrépida defesa, nunca pode passar; e hoje, mais que nunca, esse nobre sentimento deve ocupar o primeiro lugar no coração, na alma, no brio e na vida de todos os Portugueses.

Há várias e inúmeras maneiras de amar e enaltecer a Pátria. Nem todos podem e nem a todos se impõe o dever de irem para o Ultramar escaramuçar e perseguir os nossos inimigos, para darem provas de verdadeiro amor à Pátria; isso é, especialmente, um dever sagrado e nobre, pertencente aos nossos filhos (à altiva juventude), — e honra lhes seja dada pela altivez, brio e heroísmo com que sempre e em toda a parte se têm sabido manter, lutando e cantando os troféus da Pátria-Mãe. No entanto, — ninguém se atreva a esconder o rostol... — todos nós, velhos e novos, cultos e ignorantes, podemos e temos que ser úteis à Pátria: — defendendo-a e enaltecendo-a, dentro do nosso Lar, educando portuguesmente... os nossos filhos; dentro da nossa freguesia, participando, activa e decididamente, em todos os actos, trabalhos e necessidades que possam, moral e humanamente, conduzir-nos ao progresso e engrandecimento da Terra Natal, combatendo tudo e todo o mal que porventura tente nela infiltrar-se; dentro do nosso concelho (oh! aspiração divina, tão esquecida pelos homens!), pelo qual impõe-se-nos a obrigação de sentirmos e sustentarmos aspirações de elevado grau de superioridade, comparando-a aos outros concelhos, embora muitas vezes sejamos obrigados — por fraqueza daqueles a quem está confiado o destino duma terra — a reconhecer que o grau de inferioridade a que vimos sendo condenados, representa um erro cuja culpa só a nós próprios devemos atribuir. Mas, contudo, que o desânimo se afaste de nós. Devemos alimentar sempre em nosso espírito uma pura aspiração, contínua e altiva; um desejo ardentíssimo; uma esperança fervorosa e perpétua; uma dedicação sincera. Estes são os dons que muito nos podem superiorizar — e eis a verdadeira causa que representa uma força invencível, capaz de ultrapassar todas as barreiras e de vencer todos os obstáculos e tudo o mais que porventura possa empecer ou amesquinhar um Povo. Essa força dará vida, alento, coragem e alegria aos Homens, e progresso àquela Terra que se achava em estado inerte, de ruína e decadência.

Quantas belezas e encantos nós encontramos nos sentimentos de bem servir?... na ânsia do progresso?... no desejo ideal de superioridade?... O nosso Lar, a nossa freguesia, o nosso concelho, o nosso Povo!... Eis as partículas mais distintas, mais nobres e mais ricas da nossa Pátria! é aqui que começa o seu verdadeiro fundamento. Logo, o amor da Pátria, impõe-se que seja de primazia o verdadeiro e sentido amor da nossa Terra Natal; o amor àquela Povo em cujas veias corre o sangue do nosso puro sangue; porque é aí que repousam os nossos antepassados — os nossos saudosos Pais e todos os nossos progenitores; porque é aí que habitam os nossos principais amigos e os nossos parentes mais próximos.

Todo o Homem que não amar com sagrado fervor, com toda a pureza da sua alma, com toda a plenitude do seu espírito, a sua

(Continua na 4.ª página)

Quo vadis, Brasil

(Continuação na 1.ª página)

concertante é que essa subida de preços vai-se processando continuamente, de mês para mês, de semana para semana — e tanto é que não se pode determinar a situação no momento, porque quando esta crónica chegar ao destino já os preços terão galgado mais alguns pontos, tal é a rapidez da sua ascensão e tal a ganância dos interesses privilegiados. Entretanto, o Governo mostra-se incapaz de tabelar os preços ou de travar a marcha fabulosa dos lucros.

O povo brasileiro, de natureza jovial e paciente, vai sentindo já o peso esmagador do custo da vida em benefício exclusivo de certos grupos monopolistas. Alguém, desapontado com a presente situação, definiu-a:

— Esta é uma democracia de tubarões...

Mas os apelos e queixumes do povo em nada contribuem para deter a perigosa instabilidade, tanto política como económica, da vida actual no Brasil. E em nada influem no poder incontrolável dos terríveis monopólios e dos grandes produtores, que parecem ser os únicos mandatos da economia nacional.

Tivemos há poucos meses a ameaça da greve dos panificadores, quando pretenderam elevar o preço do pão. Veio em seguida o desaparecimento do açúcar e a população do Rio e de Niterói teve de passar dias amargos, até que o Governo se viu obrigado a autorizar a elevação do preço para o dobro. Hoje, temos a lamentável questão do leite. Durante alguns dias o leite sumira-se do mercado. A intervenção do Governo conseguiu trazer apenas mínguas quantidades para o público e a situação continua anormal. Os «pecuaristas» exigem um aumento de 137% sobre o preço actual, já de si elevado em 100%, relativamente ao de 1962.

A manteiga tornou-se um artigo de luxo e mesmo assim raro. A carne registou, numa quinzena, três aumentos. E ameaça subir mais. Os aumentos salariais impostos pelos sindicatos, para enfrentar a crise, só a acentuam ainda mais. Quanto mais se elevam os salários, mais se elevam os preços. Qualquer melhoria no padrão de vida logo agrava o custo de vida. É um círculo vicioso, de que parece não haver meio de se escapar. E o consumidor acha-se cada vez mais embaraçado e mais perplexo.

— «Parece que não temos Governo» — é a opinião que se ouve por todos os lados.

Enquanto a economia doméstica anda aos trambulhões, os inúmeros partidos políticos, que retalham o país, vão-se digladiando entre si. Os seus líderes estão mais ocupados em lavar a roupa suja do adversário do que em resolver os problemas vitais do povo.

Num comício gigantesco

realizado em 23 de Agosto na Cinelândia, em homenagem a Getúlio Vargas, o Presidente da República, João Goulart, falando a uma multidão de cerca de 200.000 pessoas, frisou a necessidade de elevar o nível de vida do povo em geral e dos trabalhadores em particular. Insistiu em levar a seu termo as reformas de base, que vem apregoando contra uma onda de oposição, desencadeada pelas classes privilegiadas e pelos seus rivais políticos. Mas um dos seus acirrados oponentes, Carlos Lacerda, Governador do Estado da Guanabara, onde se reunira o comício, manteve-se conspicuamente ausente de qualquer recepção ao Presidente quando da sua chegada de Brasília. E, enquanto o Presidente da República proferia o seu discurso, o Governador do Estado entreteinha-se a inaugurar um chafariz a alguns quilómetros de distância.

Terminado o comício, a multidão dispersou-se com novas esperanças, mas apenas com uma certeza bem palpável: o espectro cada vez mais negro da crise económica e o futuro ainda mais incerto do país — de um país que ninguém sabe para onde marcha.

É caso para se perguntar: — Quo Vadis, Brasil? — ANI

Para Lisboa

Partiram hoje para a capital, depois de terem passado umas bem merecidas férias, na companhia da sua família as Senhoras Aurora Pereira da Silva, D. Emilia Pereira, e a menina Georgete da Cruz Monteiro.

A todas desejamos uma muito boa viagem, são os votos sinceros de sua família.

F. C. Amares

(Continuação da 1.ª página)

sas tradições, que tanto honrou e elevou o nome do nosso concelho.

É preciso que como esta, outras actividades e organismos entrem em franco movimento, uma demonstração de vitalidade da nossa juventude.

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos desde os mais simples aos mais luxuosos,

TRIBUNA DE VIEIRA DO MINHO

Carta de Ruivães

8-9-963

Realizou-se ontem, na Pousada de S. Bento da Porta Aberta, um jantar de homenagem ao nosso amigo e conterrâneo, Senhor Anibal Brás da Mota, distinto professor primário, que foi durante largos anos, nas freguesias do Mosteiro e de Vieira do Minho.

Concorreram a esse jantar os seus antigos discípulos e muitos amigos de todas as classes sociais e, aos brindes, falaram várias pessoas, todas tendo inaltecido o zelo e proficiência que este sempre pôs ao serviço da sua árdua função, tendo-lhe sido oferecida uma espingarda caçadeira por muitos dos seus amigos.

O Senhor Anibal Brás da Mota acaba de ser aposentado, por haver completado 40 anos de serviço, prestados à instrução, com zelo dedicação e competência.

É de notar o constrangimento com que os seus muitos amigos o vêm afastar-se da sua nobre missão de ensino. A todos agradeceu o homenageado, visivelmente comovido.

* * *

Continua por resolver a criação, aqui, de um Sub-posto da G. N. R..

É de necessidade evidente que tal criação seja levada a efeito, para que sejam coibidos os furtos permanentes, os bur-las, frutas e demais géneros agrícolas e para que cessem os palavrões obscenos que, infelizmente, são o pão nosso de cada dia, de certos malcriados que por aí vagueiam e vegetam.

A G. N. R. é um elemento da ordem e da disciplina e só a não querem os que costumam alimentar os seus gados nos terrenos alheios e empanzinar o estômago com o que podem furtar.

Não se pense que essa Corporação apenas procura as multas. Há regulamentos que têm de ser cumpridos por eles, mas fazem-no com humanidade e nem o seu muito ilustre comandante da secção de Braga se conformaria com abusos, porque é um militar muito distinto e de evidente probidade, disciplinado e disciplinador.

Quanto à vagueação de cães pelos montados, a destruírem lapareiras de coelhos e perdizes novas, que ainda não sabem defender-se, já nem falo, como também não falo nos caçadores furtivos, que, à espera, dizem as perdizes em tenro desenvolvimento.

Os montados tem de ser policiados sempre que possível e, se assim suceder, verão que hão-de cair no laço os maus caçadores, em vez das incautas perdizes.

A G. N. R. de Vieira do Minho, por muita vontade que tenha de cumprir, está materialmente impossibilitada de o fazer todas as vezes que tal se torna necessário, atentos os 18

quilómetros que a separam desta freguesia.

A nossa Câmara, que tem à sua frente um homem de bem e compreensivo, não negará a Ruivães o seu imprescindível concurso para que aqui seja restaurado o sub-posto da G. N. R., em tempos aqui criado a meu pedido. O que é necessário é que os homens de boa vontade, os que não furtam, não proferem palavrões obscenos, não caçam ilegalmente, não armam comícios no meio da rua, fazendo dos pulmões foles de ferreiro, — se mexam, se reúnam e façam tudo quanto em si caiba, para que venha quanto antes o sub-posto da G. N. R..

Eu, por mim, estou pronto a dar a este desiderato o meu

modesto e mais que apagado concurso.

Eu também sou caçador e tenho um perdigueiro, mas tenho-o preso e legalizado. Os outros que façam o mesmo.

* * *

Ainda bem que, agora, já não se vêem os menores a bater as cartas de jogar por todos os recantos, mercê da minha insistência, na imprensa, para que sejam punidos os no-veis transgressores.

Todo o meu desejo era que a boa gente da minha terra soubesse conduzir-se sem merecer censuras.

Que Deus nos oiça.

A. César

Pela Calada da Noute

Cantigas leva-as o vento,
Deixai o vento levá-las...
Antes com ele ao relento
Do que a ironia das salas.

Peguei na lira, afinei-a,
Olhei ao alto o luar,
E emitando a sereia
Pus-me na noute a cantar.

Saiu o canto dorido
Do que espera e só alcança
Um sufocado gemido
Da moribunda esperança.

Não era a lua zelosa
Do meu canto a inspiração...
Outra imagem mais formosa
Eu tinha no coração.

Imagem maravilhosa,
Que vi na noute passar,
De vestido cor de rosa
Resplandecendo ao luar!

Tremeluziam sorrindo
No firmamento as estrelas;
Os sons da lira subindo
Iam gemer junto d'elas.

Mas a visão côr de rosa,
De asas douradas de abelha,
Sumiu-se silenciosa
Num círculo de luz vermelha...

Perto de mim suspirava
A brisa beijando a flor,
Além um grilo cantava,
Não ouvia outro rumor...

Baixando os olhos à terra
Vi desfazer-se o encanto...
Malícias que o mundo encerra
Eu não as pus no meu canto.

E no sessego profundo
Desta noute de sigilo,
Eu só ouvia no mundo
A lira, a brisa e o grilo!

UERBA

Telefone do serviço permanente dos

Bombeiros V. de Amares

6 2 1 6 2

A BRINCAR

Um casamento...

O quinto marido da actriz Marie Macdonald, o advogado Eduardo Callahon, de 42 anos, obteve a anulação do seu casamento com a vedeta o qual, segundo alegou, durou apenas dois dias.

...outro casamento

Já junto ao altar, com grande acompanhamento, quando o padre lhe perguntava se queria para marido, fulano, ali presente, a noiva rapidamente responde: Não. E acrescentou: quem quero para marido é aquele... e apontou para o homem que ia ser padrinho do casamento.

Grande borborinho, cheli-ques, desmaios, mas o casamento já não se fez.

E nós achamos que foi melhor assim... porque seria muito pior se se arrependesse depois de dizer o sim e antes de se iniciar a viagem nupcial.

Aquele casamento durou dois dias, este faltou um segundo (o tempo de dizer o sim) para escangalhar duas almas.

Pedintes

Em Évora foi presa pela Polícia, quando pedia esmola na via pública, Ana Rodrigues, de 68 anos, viúva de um vendedor ambulante.

Interrogada e dado que as suas respostas não agradaram aos Agentes da autoridade, estes foram passar uma busca ao quarto da estalagem onde vivia e encontraram, escondido no forro de um velho casaco a bonita quantia de 40.615\$00. Foram encontradas também cópias de cartas que a Ana mandava às autoridades, pedindo auxílio «por estar na miséria e não ter recursos para sustentar os filhos».

Há pobres que pedem esmola e são mesmo pobres; há pobres que são mesmo pobres e não pedem esmola (por vergonha, por exemplo) e há quem peça esmola e não seja pobre. É preciso saber-se a quem se dá esmola, não vá acontecer dar-se dois tostões ou uma c'roa, a quem tem quarenta contos, e quem dá a c'roa dever os quarenta... ou mais contos.

Outro género de pobres

Esta de Vila Verde, con-celho nosso visinho:—Quando há dias, duas religiosas passavam por esta vila, tiveram conhecimento de que, numa freguesia vizinha, três crianças viviam praticamente abandonadas pelos pais e na mais extrema miséria.

Dirigiram-se para o local e depararam, então, com uns esqueléticos e deformados seres que mais pareciam cadáveres, deitados semi-nus numa palhas e caruma

espalhadas pelo chão. Não raras vezes dormiam nas bocas vizinhas, chegando a alimentar-se de landes que caíam dos carvalhos, e outros alimentos próprios para irracionais.

Em face de tão revoltante espectáculo, que causou neste meio geral repulsa, as referidas religiosas tomaram a seu cargo as pobres crianças, embora com certa resistência por parte dos pais, que, talvez etilizados, acabavam de regressar de umas das habituais digressões que regularmente fazem pelas tabernas e romarias do País.

Estes sim, verdadeiramente te pobres. Pobres de tudo. Infelizes pais. Melhor: infelizes filhos.

Russel em maus lençóis

As bruxas da Inglaterra vão reunir em segredo, a 31 de Outubro, véspera do Dia de Todos os Santos, a fim de tomarem uma decisão sobre as medidas a adoptar contra um professor norte-americano, dr. Russel Hope Robbins, da Universidade de Columbia, que negou a sua existência.

Robbins declarou, num discurso proferido na Associação Britânica de Aberdeen, que a bruxaria não passava de um produto da imaginação.

Em resposta, a senhora Sybil Leek, de 40 anos, que afirma ter estudado bruxaria desde os sete anos e que há treze bruxas na sua área, escreveu ao professor, a desmenti-lo. «É muito provável—acrescentou—que receba treze cartas, não para lhe lançar o mau olhar, mas para tentar educá-lo».

Não invejamos a posição do Senhor Russel, nem que fosse só com uma, mas quanto mais com treze bruxas contra si.

Defenda-se como puder, ou então não se metesse com elas, não fosse linguadoreiro.

C. de L.

Condições de Assinatura

Continente

Ano : : : : : 50\$00
Semestre : : : : : 25\$00

Ilhas

Avião—ano : : : : : 50\$00
Semestre : : : : : 25\$00
Barco—ano : : : : : 60\$00
Semestre : : : : : 30\$00

Brasil

Avião—ano : : : : : 180\$00
Semestre : : : : : 90\$00
Barco—ano : : : : : 80\$00
Semestre : : : : : 40\$00

Estrangeiro

Avião—ano : : : : : 180\$00
Semestre : : : : : 90\$00
Barco—ano : : : : : 80\$00
Semestre : : : : : 40\$00